

# SAPERE AUDE

## EDITORIAL

### DOSSIÊ: PAIXÕES NA FILOSOFIA ANTIGA

*Sapere aude* – v. 10, n. 19, p. 7-9, jan./jun. 2019 – ISSN: 2177-6342

A Revista *Sapere Aude* traz como foco, no presente volume, a Filosofia Antiga, o que permite a apreciação de um amplo período histórico e um vasto leque de correntes filosóficas – da Filosofia pré-socrática à Filosofia Helenística – que vivenciaram o questionamento e a prática (um modo de vida) de ideias sobre o ser humano em sua relação com a natureza, com a vida em comum, com o cosmo, com o divino. Sabemos que essa riqueza foi suficiente para consolidar as bases da cultura ocidental, bases com as quais estamos sempre em diálogo. O campo das paixões humanas foi delimitado como a temática do Simpósio Filosófico da PUC Minas, ocorrido em maio deste ano, assim como o eixo temático sobre o qual se debruçaram os autores que contribuíram para o presente volume da Revista. Estes, por sua vez, trazem ao leitor a sua interpretação acerca do modo como as paixões humanas foram consideradas nesse vasto e luminoso período da História da Filosofia.

Encontramos já no registro da poesia homérica a referência a estados sofridos pela psiquê humana, isto é, referências às afecções ou paixões (o ânimo, a ira, o medo, a cólera, dentre outras) que serão, por sua vez, vivenciadas com expressão nas tragédias compostas e encenadas no século V a. C. Na filosofia pré-socrática, a própria mescla entre discurso narrativo e discurso explicativo presente nos fragmentos aos quais temos acesso, mostra-nos o viés sensível e a presença das paixões nesses primeiros textos filosóficos. Entre meados do século V e IV a. C., tanto o Sócrates platônico quanto alguns sofistas, como Górgias, colocam em questão a natureza e as consequências das paixões humanas, a presença das paixões no uso do discurso humano e em seu efeito persuasivo sobre a psiquê do ouvinte, a julgar pelos textos que herdamos e pelos chamados diálogos do período socrático, escritos por Platão.

É bastante conhecida, por sua vez, a crítica de Platão a respeito do vivenciar as paixões sem reflexão, sem direcioná-las para um fim racional, o que esse filósofo ressalta,

sobretudo em sua *República*. Ao propor não permitir na cidade justa poemas que enfatizam o que há de irracional na psiquê humana, Platão problematiza e avalia racionalmente, no contexto de sua proposta ético-política, a vivência e o direcionamento das paixões e considera aceitável apenas aquela poesia que alimentar a espécie racional da alma humana, de modo que ela conduza as demais ao equilíbrio. Ao elaborar a sua teoria a respeito da psiquê humana articulada à sua teoria ético-política (sobretudo em *República*, *Timeu* e *Leis*), Platão aborda detalhadamente as afecções dos gêneros apetitivo, irascível e racional da alma humana e ressalta a importância de uma educação dos impulsos, sentimentos e raciocínios para a conquista de um estado interno de excelência (virtude) humana, condição para a presença das virtudes da temperança, coragem, justiça, sabedoria – e da paz – no âmbito maior da vida ético-política.

Aristóteles, em várias de suas obras (*Metafísica*, *De anima*, *Ética a Nicômaco*, *Retórica*, *Poética*), tomará as paixões como objeto de análise (ira, medo, compaixão, confiança, inveja, amizade, piedade, dentre outras), considerando-as não como capacidades, menos ainda como disposições adquiridas, e sim como afetações inevitáveis e significativas para a vida humana em comum. Assim como para Platão, Aristóteles não considera as paixões como boas ou más (por isso não é o caso de suprimi-las), pois não seriam elas o que determina a conquista de virtudes éticas (e sim a formação do caráter, a partir das experiências em comum) e de virtudes dianoéticas (sabedorias teóricas e sabedoria prática). As paixões acompanham as virtudes éticas e serão vivenciadas de modo moderado no homem virtuoso, aquele cujo meio-termo é orientado pela reta razão, pelo desejo bem guiado. É significativa também a contribuição de Aristóteles para o estudo do uso da retórica e das afecções humanas como elementos que fazem variar os julgamentos, o que requer uma análise do uso da persuasão seja para excitar as paixões, seja para moderá-las, o que Aristóteles realiza com profundidade em sua obra *Retórica*.

A filosofia helenística continuará a tematizar as paixões no contexto maior de cada abordagem ou escola filosófica. No epicurismo, no ceticismo e estoicismo antigos, o modo como o ser humano lida com as suas percepções e afecções é também levado em consideração no interior dessas vertentes filosóficas. Epicuro chama atenção às sensações e ao prazer como um bem, assim como à superação de perturbações internas, sobretudo medos e sofrimentos. Pirro vivencia a postura cética de não julgar, não afirmar nem negar, portanto abandonar as sensações e paixões a si mesmas. O estoicismo que se inicia com Zenão entende as paixões como erros de julgamento, e estaria em nosso poder o rompimento com a adesão a esses

juízos errôneos. Tanto o Helenismo do período imperial como a Filosofia moderna levarão em conta tais posturas em relação às paixões humanas, que continuarão a ser tematizadas pela Filosofia até os dias atuais.

E ainda hoje, como professores de Filosofia, buscamos provocar em nossos alunos a atitude tipicamente filosófica de certa suspensão de pré-julgamentos em relação a valores, paixões e ideias quando iniciamos uma reflexão filosófica. Voltarmos o nosso olhar para as várias abordagens acerca das afecções humanas no decorrer da Filosofia Antiga aprofunda e amplia o nosso modo de nos entendermos como seres humanos e de entendermos toda a História da Filosofia. Esperamos que o leitor do presente volume da *Sapere Aude* aproveite muito os artigos e comunicações a seguir.

Maria Dulce Reis  
*Dra. em Filosofia Antiga pela UFMG*  
*Professora de Filosofia Antiga na PUC Minas*